

FACULDADE LABORO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

**AMANDA MARLY DA CRUZ SILVA
NÁDIA FERNANDA SERRA ABREU**

**CONCEPÇÕES DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA PRÁTICA DE
INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO ÂMBITO DO CENTRO DE REFERÊNCIA DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL – CRAS**

São Luís
2018

**AMANDA MARLY DA CRUZ SILVA
NÁDIA FERNANDA SERRA ABREU**

**CONCEPÇÕES DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA PRÁTICA DE
INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO ÂMBITO DO CENTRO DE REFERÊNCIA DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL – CRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Especialização em Saúde Mental e
Atenção Psicossocial., da Faculdade Laboro, para
obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a Marilha da Silva Cariolano

São Luís
2018

**AMANDA MARLY DA CRUZ SILVA
NÁDIA FERNANDA SERRA ABREU**

**CONCEPÇÕES DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA PRÁTICA DE
INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO ÂMBITO DO CENTRO DE REFERÊNCIA DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL – CRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Especialização em Saúde Mental e
Atenção psicossocial, da Faculdade Laboro, para a
obtenção de título de Especialista.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Marilha da Silva Cariolano (Orientadora)

Mestre em Biologia Parasitária

Universidade Ceuma

Examinador 1

Examinador 2

CONCEPÇÕES DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA PRÁTICA DE INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO ÂMBITO DO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – CRAS

AMANDA MARLY DA CRUZ SILVA¹

NÁDIA FERNANDA SERRA ABREU²

RESUMO

O presente artigo aborda a respeito das práticas e intervenções psicológicas inseridas no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. Estudos na área apontam que se faz imprescindível a prática do psicólogo juntamente com a equipe do núcleo em prol da prevenção e acompanhamento de usuários. O objetivo apresenta as dificuldades enfrentadas pelos psicólogos diante das demandas, propondo a resolução destes conflitos tanto com a equipe do CRAS, quanto a execução do seu papel.

Palavras-chave: CRAS. Psicólogo. Assistência Social. Equipe

CONCEPTIONS OF THE DIFFICULTIES FACING THE PSYCHOLOGIST INTERVENTION PRACTICE IN THE FRAMEWORK OF THE SOCIAL ASSISTANCE REFERENCE CENTER – CRAS

ABSTRACT

This article deals with the practices and psychological interventions inserted in the Reference Center of Social Assistance - CRAS. Studies in the area point out that it is essential to practice the psychologist together with the core team for the prevention and follow-up of users. The objective presents the difficulties faced by psychologists in the face of demands, proposing the resolution of these conflicts with both the CRAS team and the execution of their role.

Keywords: CRAS. Psychologist. Social Assistance. Team.

¹ Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Faculdade Laboro, 2018. E-mail: amandamarly10@gmail.com

² Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Faculdade Laboro, 2018. E-mail: nadia_fern@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Política Nacional de Assistência Social traz um avanço para o Brasil referente a área de assistência social com a implantação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), proporcionando atendimento a uma importante demanda da população, ao mesmo tempo em que se deu o surgimento da psicologia neste campo.

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade pública plantada em áreas de vulnerabilidade social que tem como objetivo a prevenção de situações de riscos e violação de direitos resultante do subdesenvolvimento e da falta de acesso ao serviço público (BRASIL, 2015). Para a realização de seus serviços, assim como seus projetos e programas, há um planejamento por parte da equipe multidisciplinar. É de suma importância a atuação do psicólogo frente as vulnerabilidades sociais atentando a atenção e prevenção de situações de risco, mediante ao fortalecimento de vínculos e promoção de potencialidades e autonomia dos usuários.

De acordo com Dentz (2013)

Para desenvolver seu trabalho no CRAS, o psicólogo, necessita acreditar no potencial humano para se desenvolver, crescer e amadurecer. Ao lidar com situações de vulnerabilidade decorrente da pobreza, privação e fragilização de vínculos afetivos, relacionais e de pertencimento, os usuários podem encontrar maior dificuldade de reconhecer que podem superar suas dificuldades.

O seguinte estudo, visa proporcionar ao leitor uma reflexão a respeito dos principais aspectos que englobam o trabalho do psicólogo no CRAS. O artigo objetiva o manejo entre a teoria e prática, ofertando aos profissionais a possibilidade de novos conhecimentos e esclarecimentos, buscando mais embasamento para sua atuação profissional.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativa englobando uma posição interpretativa e exploratória. A pesquisa obteve como base de dados as bibliotecas virtuais, Em Saúde, Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Revistas virtuais de psicologia. Deste modo, foram consultados 6 artigos científicos de pesquisa de campo, onde buscou-se discriminar pesquisas publicadas num período entre 2014

a 2017. Assim, após leitura das presentes obras visa-se a ordenação e a condensação das informações contidas no sentido de resolução da problemática da pesquisa.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUAS, CRAS E PAIF

A partir do ano de 2005 uma nova proposta foi desenvolvida priorizando o atendimento de famílias em situações de vulnerabilidade social podendo ser comparado ao Sistema Único de Saúde (SUS), entretanto direcionado à Assistência Social visando trazer diferentes métodos, denominado Sistema Único de Assistência Social (SUAS) (BRASIL, 2005).

O CRAS se caracteriza como uma unidade de proteção básica, sendo este último um dos níveis de organização do SUAS com o objetivo de garantir a segurança quanto ao rendimento e autonomia, acolhimento e fortalecimento do convívio familiar promovendo assim a implantação no mercado de trabalho (BRASIL, 2009). É de suma importância destacar que a proteção social básica tem como prioridade os usuários do Bolsa Família.

O contexto do psicólogo no CRAS, no qual baseia-se na regulamentação da Norma Operacional de Recursos Humanos do SUAS – NOB – RH/SUAS de acordo com a demanda de famílias (BRASIL, 2009). A ação do psicólogo é desenvolvida em conjunto com a equipe interdisciplinar de referência composta por profissionais de determinados níveis de formação sendo estes técnicos de nível médio e superior, dentre eles o psicólogo.

É como competência do psicólogo, segundo (KOELZER, 2014), o acolhimento juntamente com orientações as famílias usuárias e, se necessário, realizar encaminhamentos; acompanhamentos de grupos familiares, atendimentos individualizados e visitas domiciliares; realização de práticas coletivas e comunitárias juntamente com o apoio aos profissionais.

O psicólogo do CRAS é norteado pelos guias oferecidos pelo Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome e o Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). No entanto, mesmo com a devida assistência dos guias, os psicólogos presenciam uma grande demanda que frequentemente precisam reformular outros métodos de intervenção para com os usuários (SILVA; CORGOZINHO, 2011).

De acordo com Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (2015)

Consiste no trabalho social com famílias, de caráter continuado, com a finalidade de fortalecer a função protetiva da família, prevenir a ruptura de seus vínculos, promover seu acesso e usufruto de direitos e contribuir na melhoria de sua qualidade de vida. Prevê o desenvolvimento de potencialidades e aquisições das famílias e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, por meio de ações de caráter preventivo, protetivo e proativo. O serviço PAIF integra o nível de proteção social básica do SUAS.

O trabalho social realizado com as famílias que sofrem com vulnerabilidades é uma ação concreta e de inteira responsabilidade do poder público, com isto, a equipe de profissionais da unidade do CRAS atua com a efetivação do PAIF com o propósito de proteção social.

O serviço ofertado pelo PAIF deve se afastar do senso comum em suas práticas no cotidiano da equipe de referência do CRAS, pois podem reproduzir ideias equivocadas e preconceituosas, levando a família a ser a única responsável pela condição social que se encontra, culpando e impossibilitando a transformação das mesmas e sim possibilitar a reflexão e enfrentamento de conflitos vivenciados pela família, modificando sua concepção a respeito da vida e favorecendo a construção do protagonismo e a autonomia (BRASIL, Orientações Técnicas sobre o PAIF, 2012).

3 O ENCARGO DO PSICÓLOGO NO CRAS

A atuação do psicólogo no CRAS sofreu uma importante mudança desde a regulamentação de 1962, no qual objetiva-se uma ação de caráter social e comunitário, desviando do caráter clínico e psicoterápico com o foco especialmente em grupos familiares, ações estas que se caracterizam como novos desafios para a área da psicologia (Yamamoto, 2007). Sendo assim, o psicólogo precisa se desvincular de antigas práticas e sim encaminhar seu trabalho para a prevenção terapêutica com a intenção de amenizar o sofrimento das famílias diante de suas situações econômicas e das consequências negativas por elas obtidas.

A atual política traz ao psicólogo um método de formular juntamente com o paciente uma consciência a respeito do seu papel como cidadão e sua capacidade de ser diante de oportunidades. É importante salientar os efeitos do encontro de grupos

sócio-educativos, onde visam a troca de experiência, afetividade, promovendo a conscientização a respeito de influências que favorecem a vulnerabilidade social e alienação.

A Pesquisa-ação é uma das principais metodologias utilizadas como técnicas do PAIF, priorizando a modificação da realidade da comunidade. Logo, a pesquisa-ação objetiva a solução de problemas do contexto do coletivo, realizando atividades que direcionem os sujeitos à transformação, construção de conhecimento a respeito de questões sociais.

Um dos aspectos principais que compõe o grupo é o pertencimento, que implica no conhecimento sobre a relação entre eles e as tarefas que lhe são ofertadas. Este conhecimento baseia-se na cooperação dentro de um processo realizado com distintos papéis e funções (Pichon-Rivière, 1998).

No encontro de grupos socioeducativos devemos atentar para o ciclo de vida, a forma como se desenvolve e a influência de aspectos culturais na vida do usuário (BRASIL, 2006), tendo como exemplo os grupos de idosos, gestantes e famílias.

O grupo de idosos é caracterizado pela realização de encontros contínuos, podendo ser semanais, quinzenais ou mensais. Com base no estudo de Oliveira (2016), a demanda varia de instituição para instituição, onde cada um possui uma determinada média de participantes. Uma das praticas mais relevantes que podem ser usadas no grupo diz respeito a escolha de temas sugeridos pelos próprios participantes, a vivencia cotidiana costuma ser um dos temas mais frequentes, entre outros.

As oficinas em conjunto com as famílias são encontros que priorizam metas de curto prazo diretamente com seus representantes, sendo estes conduzidos pelos técnicos do CRAS. Sendo assim, tem como prioridade abordar sobre temas relevantes a família, desenvolvendo atividades que englobam a sua valorização ao meio e inter-relação entre os participantes, ressaltando a importância da participação social e o seu fortalecimento em comunidade (BRASIL, 2012).

O trabalho a ser realizado gira em torno de um tema central, de acordo com o interesse proposto pelas famílias, o foco desse tema pode ser trabalhado em mais de um encontro e questões serem mais aprofundadas, dependendo da acolhida e conexão do grupo, pois geralmente são situações vivenciadas dentro do seu contexto

social, se relacionando com seus conflitos e experiência de vida proporcionando a disposição para participação e interação (Afonso, 2000).

Deve ser levado em consideração o tipo de participante do grupo, para estabelecer o local e os recursos necessários para a realização dos encontros, como também o número, se fazendo necessário a sincronização da dinâmica do trabalho com os objetivos da Política Pública, conjuntamente com um Planejamento que seja flexível, com a elaboração de materiais e técnicas, de forma que o processo seja dinâmico.

A fim de que haja um vínculo, se faz necessário o trabalho com todo o processo grupal, enfatizando o real objetivo das oficinas, ofertando ao indivíduo a capacidade de reflexão e mudança (Afonso 2000). Portanto em prol de fortalecimento de vínculos recomenda-se que o grupo participe ativamente de forma que desenvolva suas competências psicossociais através da comunicação construindo regras e consenso em prol da resolução de conflitos.

Quanto a visitas domiciliares, é de suma importância destacar a acolhida e a ação particularizada como funções principais direcionadas a família ou parte da mesma, usando como método o aprofundamento do acompanhamento psicossocial, onde se busca o entendimento da família, seu funcionamento, potencialidades, valores e etc (CFP, 2012).

Na visita domiciliar os profissionais, tem a chance de conhecer o território, comunidade, convivência entre os moradores e os relacionamentos familiares, e assim estreitar seu vínculo com aquela realidade. É através das visitas domiciliares que possibilita a realização de ações que não podem ser feitas coletivamente, com isso se faz necessário o agendamento da visita e um contato prévio com o intuito de melhorar o desenvolvimento da relação entre o profissional e a família (BRASIL, 2013)

A atuação do psicólogo nas visitas domiciliares visa a realização de mudanças e reflexão frente as técnicas oferecidas dentre as equipes, intermediando a relação entre família e instituição, família e equipe, proporcionando acolhimento (PIETROLUONGO; RESENDE, 2007).

Há uma grande carência de profissionais que visam seguir a ética no qual sejam mais atuantes na comunidade, repassando aos usuários a importância de sua participação no desenvolvimento de políticas públicas, com isso formando sujeitos autônomos e conscientes do seu papel na sociedade. (NOBREGA). O psicólogo é

conhecedor da realidade social e dos problemas existentes se tornando crucial para a construção de políticas públicas e favorecendo o atendimento das questões sociais decorrentes, auxiliando de forma linear e decisiva.

Uma pesquisa realizada por Pedroso e Moreira (2017), relatando uma experiência com grupo de mulheres mostra que quem mais procura atendimento ou recebe a equipe quando há as visitas domiciliares são as mulheres, passando a imagem de chefe de família. Com o auxílio do caderno de orientações técnicas sobre o PAIF foi possível nortear para um processo de construção o trabalho em conjunto com essas mulheres.

No que se refere a questão “saúde mental” Pedroso e Moreira (2017) ressaltam a insatisfação e desconforto dessas mulheres por serem questionadas sobre o porquê de seu retorno a instituição ou da falta de respeito com a privacidade dessas mulheres com atendimentos que colocam em exposição suas histórias de vida a outros profissionais.

O genograma é um dos instrumentos utilizados pelos psicólogos, onde através de símbolos são representados membros da família e seus devidos vínculos, e também apresentação de outros acontecimentos. Isto fez com que facilitasse a visão frente algumas situações vividas por esses indivíduos, proporcionando uma reflexão sobre determinadas atitudes, do seu agir no mundo (PEDROSO; MOREIRA, 2017).

É passível de observação nos artigos estudados que o acolhimento se faz muito presente como a primeira atividade realizada pelos psicólogos como proposto pelo MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome), visto que este se torna essencial partindo de uma demanda espontânea com o intuito de ser identificada e assim verificar o determinado encaminhamento a ser feito, sendo assim porta de entrada para a rede assistencial.

Na mesma perspectiva, Oliveira, I. F. et al. (2014) aponta também que a atividade socioeducativa é algo muito presente no CRAS, quanto aos objetivos desta atividade, no qual aponta não ter definição ou um projeto pedagógico. Em relação ao grupo infantil o relato é de que muitas das crianças não possuem uma demanda essencial para a execução da atividade, apenas se fazem presente pela ausência dos pais em casa.

As atividades não focam apenas em haver de imediato um atendimento a determinado grupo, também são feitos os registros dos casos e ações, objetivando a

esquematisação das intervenções ocorridas e o conhecimento acerca das condições socioeconômicas para que estes casos possam ser acompanhados. Oliveira et al. (2014) destaca que um dos instrumentos essencial para organização destes casos é o prontuário familiar, ficha de acompanhamento individual, porém os instrumentos que visam mapear as condições socioeconômicas ficam sob o comando de assistentes sociais acarretando no problema quanto ao trabalho do psicólogo frente as questões expostas no mapeamento.

Para fim de organização e maior funcionamento do CRAS é necessário que haja planejamento destas ações. Como aponta Guia de Orientações Técnicas do CRAS (BRASIL, 2009), em que é primordial reuniões com a equipe do CRAS para um planejamento almejando disciplina referente ao trabalho desta equipe. Nesta linha, o planejamento se torna importante visando potencializar ações em conjunto com outros âmbitos da sociedade, com o propósito de não realizar atividades repetitivas, objetivando uma rede fortalecida.

Não obstante, os psicólogos buscam pela mudança no planejamento, visto que apresentam dificuldades em seguir o que lhe são expostos, consequência esta ocorrida devido as ações da Assistência Social serem rompidas devido a fatores relacionados não somente às condições de trabalho, mas também à composição política.

O Ministério do Desenvolvimento Social (2009) ressalta a importância da busca ativa caracterizada pelo deslocamento da equipe em função de conhecer o território e obter informações acerca de outras instâncias socioassistenciais e trabalhar as divulgações de serviços e etc.

4 OS DESAFIOS ENFRENTADOS

A atuação do psicólogo tem recebido muitas contribuições das políticas públicas, e isto é notado com a inserção deste profissional no mercado de trabalho referente a Assistência Social. No entanto, assim como relatado em um dos artigos, estes profissionais ao entrar em contato com o ambiente de trabalho na área social, muitos necessitam buscar outras fontes de conhecimento em prol de se especializar e se atualizar quanto sua tarefa, e então após a prática passam a compreender suas habilidades técnicas no CRAS (SCHIBULSKI; OLIVEIRA, et al., 2017).

Outro fator crucial são os atendimentos individuais, que mesmo sendo realizado não se igualam ao atendimento clínico e psicoterapêutico de acordo com as orientações técnicas do CRAS. Assim como apresentado na pesquisa feita por Schibulski et al. (2017), no qual os participantes relatam que há falta da conscientização a respeito da real tarefa do psicólogo no CRAS, associando o atendimento a terapia e ao papel clínico.

No entanto, não somente a população como também os profissionais das outras áreas são desprovidos da verdadeira atribuição referente a atuação do psicólogo. Logo, se faz necessário a valorização do profissional psicólogo no âmbito social. Conforme destaca o MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009)

“Os profissionais da psicologia não devem adotar o atendimento psicoterapêutico no CRAS. Assim, esses profissionais não devem “patologizar” ou categorizar os usuários do CRAS nos seus atendimentos, mas intervir de forma a utilizar dos seus recursos teóricos e técnicos.”

Podemos perceber que a maioria dos profissionais tem formação recente, atuando logo em seguida a conclusão do curso. Grande parte cursa pós-graduação em temas que nem sempre são relacionados com sua atuação no ambiente do CRAS. Iniciam através de concurso público, com carga horária de 20 a 40hs semanais.

Biasus e Franceschi (2015) apontam que há dúvidas em relação ao papel do psicólogo no meio social e acabam buscando informações em cursos específicos da área ou auxílio na troca de experiências com profissionais de outras Instituições.

Logo, há falta de capacitação e políticas públicas para a formação do psicólogo social, onde a Universidade não orientou a respeito da sua atuação no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e a maior parte dos cursos disponíveis são para os assistentes sociais, gestores, digitadores, entre outros, onde o psicólogo por falta de opção acaba participando para a obtenção de mais conhecimento, entretanto acredita-se existir peculiaridades específicas relacionadas ao trabalho do psicólogo no CRAS que poderiam ser mais abordadas (Biasus; Franceschi, 2015).

Nota-se entre os profissionais com mais tempo de curso, uma grande predisposição a área clínica individual e conseqüentemente falta de experiência a nível social com a justificativa da influência do modelo biomédico na criação da psicologia, tratando como forma curativa (BIASUS; FRANCESCHI 2015).

O psicólogo enfrenta muitos obstáculos no trabalho, a dificuldade no relacionamento interpessoal é uma categoria muito presente, estes relatam a existência de fofocas, comprometimento do diálogo, inimizades etc. principalmente relacionado a assistente social, comprometendo o trabalho a ser desenvolvido. A inclusão da Psicologia no meio social ainda enfrenta muitas adversidades devido ao preconceito e dúvidas sobre a correlação da sua atuação na Assistência Social, principalmente no âmbito das intervenções realizadas coletivamente entre os técnicos. Dificuldades em relação aos papéis de cada profissional é bastante presente no decorrer do trabalho, onde os profissionais acabam confundindo ou realizando o mesmo trabalho, seja ele atendimento individual ou em conjunto (Biasus; Franceschi, 2015).

A falta de reconhecimento por parte da gestão é outro fator notado, onde ressalta-se a falta de apoio no trabalho, enfraquecimento da autonomia do psicólogo no andamento das suas atividades e envolvimento político sempre presente no intuito de “mostrar” trabalho e não necessariamente ajudar de fato quem precisa, priorizando alguns casos e restringindo outros por questões puramente políticas, como falta de equipe necessária.

A desvalorização ao trabalho do psicólogo é bastante presente ao ambiente, indo contra os achados da literatura e a proposta do serviço, mostrando que a realidade nas instituições mostra o contrário na maioria dos casos apresentados até aqui (Schibulsk; Oliveira, 2017). A Organização do trabalho também acaba sendo comprometida devido à falta de verba, ausência de profissionais e com isso equipes incompletas, carga horária deficiente e profissionais tendo que atender a todas as demandas do Município. O foco prioritário em atendimentos emergenciais também é uma reclamação constante e com isso acaba acarretando a falta de projetos e grupos no CRAS (Biasus; Franceschi, 2015).

As mudanças administrativas nos municípios e a falta de investimentos e interesse público no meio social também são relatos do profissional da Psicologia que sofrem pela insegurança do seu emprego, pois acabam dependendo da gestão pública (Schibulsk; Oliveira apud Senra; Guzzo, 2017).

O esforço enfrentado pelos psicólogos em relação aos usuários se dá através da resistência, comodidade e abandono dos mesmos em relação aos serviços ofertados, geralmente há a procura, porém poucos continuam os atendimentos, sejam

eles individuais ou em grupos, fazendo com que a equipe procure meios de mantê-los no serviço, muitas vezes sem sucesso. A localização e difícil acesso para as famílias de extrema vulnerabilidade também são barreiras a serem enfrentadas no trabalho (Biasus; Franceschi, 2015).

Quadro 1: Relatos de dificuldades enfrentados pelos profissionais de psicologia.

TÍTULO	AUTOR	RELATO
A atuação dos psicólogos nos CRAS do interior do RN.	OLIVEIRA, I. F. et al. (2014).	Sempre [nos encontros que a gente tinha], sempre se dizia: “Olhe, não é função do psicólogo do CRAS fazer atendimento clínico”. Isso, para a gente, era claro! Mas, aí, a gente continuava recebendo a demanda. E tinha casos que a gente não podia deixar de acompanhar. Casos urgentes! A gente ia mandar para quem? Então, a gente fazia o que era possível, assim, de resolver. (Psicólogo 3).
Psicologia e CRAS: reflexões a partir de uma experiência de estágio.	KOELZER, L. P.; BACKES, M. S. e ZANELLA A. V (2014).	“O grande número de famílias referenciadas em proporção ao número de profissionais na equipe traz consequências para o serviço como um todo, o que foi possível constatar com o relato da intervenção realizada, refletindo-se na sobrecarga de trabalho, tempo reduzido nos atendimentos para que seja possível atender o maior número de usuários, fazendo com que o acompanhamento das famílias não seja contínuo.”
O psicólogo no CRAS: características e desafios da atuação profissional.	BIASUS, F.; FRANCESCHI, M (2015)	Sujeito 1 “Dificuldades de manter um bom relacionamento com os A.s. tendo em vista que eles acreditam que são os “melhores” e tem razão em praticamente tudo o que fazem/dizem; Fofocas e amizades - particulares - que prejudicam o desenvolvimento do trabalho; Falta de diálogo; E, principalmente, discernir o “real” papel do psicólogo nos CRAS. Sujeito 16 “O maior problema é a falta de apoio e compreensão do trabalho por parte da gestão. Há muita política envolvida e deve-se fazer o trabalho para “aparecer” e não exatamente para auxiliar a quem necessita. Falta de autonomia para desenvolver o que é preciso. Falta de reconhecimento profissional.”
Atuação do psicólogo frente às demandas em unidades dos CRAS..	SCHIBULSKI, C. B et al. (2017)	“E4 - Prepara na teoria, bem pouco, mas não na prática. Me aprofundo no material do SUAS sempre, é ele quem me ajuda no dia a dia, mas na graduação, não prepara...” e “E8 - Não prepara, só depois que passei no concurso que era na verdade pra área da saúde, que comecei a estudar para entender o que fazer no CRAS...”.

Fonte: Os autores (2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo a análise dos artigos, verifica-se que o psicólogo atende a muitas demandas que fogem do limite quanto as atribuições do CRAS, no qual ele se depara

com diversas dificuldades na execução de suas determinadas atividades dentro da política, atividades estas que não estão escaladas como previstas e são de maior ocorrência.

É perceptível que os psicólogos ainda seguem um padrão estabelecido pelos manuais e pelo que aprendem nas universidades, e também se nota a dificuldade que estes enfrentam em relação ao seu real papel como profissional do CRAS. Diante disso são inúmeros obstáculos que enfrentam nessa política, desde problemas de relacionamento interpessoal até a falta de apoio e autonomia. São questões que precisam ser trabalhadas com todos os profissionais envolvidos no ambiente do CRAS, buscando medidas cabíveis.

Se faz necessário a busca pela resolução do problema a respeito da execução de atividades que não fazem parte da sua atuação, trabalhando através da discussão e exploração destes aspectos, objetivando explicar a real função dos psicólogos no âmbito assistencial proporcionando o respeito à privacidade de suas tarefas. Neste sentido, é importante que o psicólogo assuma suas responsabilidades e que de forma clara possa executar suas diversas atividades em determinadas áreas de trabalho afim de maior compreensão por parte dos gestores.

Em síntese é necessária a qualificação adequada na formação desses técnicos, pois foi constatado que muitos desses profissionais componentes dessa pesquisa não tiveram auxílio necessário em sua formação acadêmica para lidarem com conflitos enfrentados no meio social, requerendo a busca de recursos em outros meios de subvenção para a realização de trabalho no CRAS, devido à falta de orientação que intervém a suas ações.

Para concluir, é imprescindível a promoção, organização e respeito entre os profissionais no CRAS, incitando uma melhora em suas atuações em benefício de que suas atividades possam ser realizadas com clareza e de forma completa, enfatizando a ética profissional integralizando o sigilo. Sendo assim, propondo que as atividades no coletivo possam ter maior prioridade.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. M. **Oficinas em dinâmicas de grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2000.

AFONSO, M. L. M.; FADUL, F. M. **O trabalho com grupos no PAIF: um diálogo interdisciplinar com a Oficina de Intervenção Psicossocial**. *Pesqui. prá. psicossociais* [online]. vol.10, n.1, pp. 140-154, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-8908201500100012> Acesso em: 12 março de 2018.

BIASUS, F.; FRANCESCHI, M. **O psicólogo no CRAS: características e desafios da atuação profissional**. *Revista de Psicologia da IMED*, 7(1): 23-34, 2015.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). **Política Nacional de Assistência Social (PNAS)**. Resolução nº 145. Brasília: MDS, 2005.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). **Prontuário SUAS: Manual de Informações para o registro das informações especificadas**. Brasília: MDS, 2013.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). **Orientações Técnicas sobre o PAIF. v. 2. Trabalho Social com Famílias do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família - PAIF**. Brasília, 2012.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). **Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)**, 2015 Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/cras>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2018.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) - **Orientações Técnicas Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)**. p.65. Brasília, 2009

Conselho federal de psicologia (CFP). **Referências técnicas para Prática de Psicólogos(os) no Centro de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS**. 58 p. Brasília: CFP, 2012.

DENTZ, K. M. V.; OLIVEIRA, E. L. C. **O psicólogo no CRAS: uma nova experiência**. *Revista psicologia em foco*. v. 5, n. 5, p. 82-100, 2013 Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1103/1580>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

KOELZER, L. P.; BACKES, M. S.; ZANELLA, A. V. *Rev. Interinst. Psicol.* vol.7 no.1 Juiz de Fora. jun. **Psicologia e CRAS: reflexões a partir de uma experiência de estágio**, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-8220201400100012>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2018

NOBREGA, A. F.; ANDRADE, F. M.; CARVALHO, S. R. R.; SOUZA, L. K. O. **A práxis psicológica nos centros de referência da Assistência social.** Disponível em: <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/575.%20a%20pr%C1xis%20psicol%D3gica%20nos%20centros%20de%20refer%CAncia%20da%20assist%CAncia%20social.pdf> Acesso em: 8 fevereiro de 2018.

OLIVEIRA, I. F. et al. **Atuação dos psicólogos nos CRAS do interior do RN.** Psicologia & Sociedade, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309332930011>> Acessado em 12 março de 2018.

OLIVEIRA, N. L. A.; NASCIMENTO, M. N. C. et al. **Relato de experiência: a atuação do psicólogo no CRAS e sua contribuição para o fortalecimento dos direitos sociais.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 31-45, abr, 2016.

PEDROSO, J. M. V.; MOREIRA, L. N. F. **O processo grupal no CRAS: a experiência com grupo de mulheres em Telêmaco Borba – PR,** 2017. Disponível em: <<https://www.congressoservicosocialuel.com.br/anais/2017/assets/133647.pdf>> Acesso em: 24 março de 2018.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.
PIETROLUONGO, A. P. C.; RESENDE, T. I. M. **Visita domiciliar em saúde mental – o papel do psicólogo em questão.** Psicologia Ciência e Profissão, 27(1), 22-31, 2007.

SCHIBULSKI, C. B.; JANAÍNA P. L. P. O. et al. **Atuação do psicólogo frente às demandas em unidades dos CRAS.** Psicol. Argum. 2017 jan./abr., 35(88), 98-113
Revista de Psicologia da IMED, 7(1): 23-34, 2015.

SILVA, J. V.; CORGOZINHO, J. P. **Atuação do psicólogo, SUAS/CRAS e Psicologia Social Comunitária: possíveis articulações.** Psicol. Soc. [online]. 2011, vol.23, n.spe, pp.12-21, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822011000400003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acessado em: 12 fevereiro de 2018.

YAMAMOTO, O. H. **Políticas sociais, “terceiro setor” e “compromisso social”: perspectivas e limites do trabalho do Psicólogo.** Psicologia & Sociedade, [online] 19(1), 30-37, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000100005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acessado em: 13 fevereiro de 2018.